



GNÓSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VII - Nº. 83

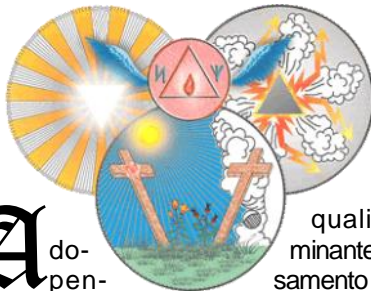
Arcanjo da Estação Verão: Uriel

Fevereiro 2010

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

O Caminho da Iniciação



A do-pen-

qualidade
minante do
samento hu-

mano, em todas as suas formas e modalidades, é a objetividade. No mundo físico sensível, é a vida que se encarrega de ensinar essa qualidade ao EU humano. Se a alma, por ventura, deixasse vagabundar seus pensamentos, a vida se encarregaria prontamente de corrigi-la, pois se tal não se desse surgiria fatalmente um conflito entre ambas. A alma é constrangida a pensar de acordo com as realidades da existência. Mas se o homem desvia a sua atenção do mundo físico, sensível, esse corretivo necessário desaparece e se o seu pensamento não está em condições de poder controlar-se por si mesmo, ele descamba para a vagabundagem.

Assim, o pensamento do estudante deverá habituar-se a fixar, por si mesmo, a direção a seguir e a finalidade a atingir. Firmeza e determinação intensa de se aplicar exclusiva-

mente a um dado objetivo são as qualidades que o pensamento tem que adquirir.

Para isso, exercícios adequados deverão ser escolhidos e referentes não assuntos complicados e estranhos, mas ao contrário, as coisas mais simples e vulgares. Todo aquele que for capaz de prender seu pensamento, durante cinco minutos por dia a um simples objetivo, como um lápis, um alfinete, etc. e que durante uns cinco minutos conseguem excluir todos os pensamentos estranhos a um objeto, já conseguiu muito.

Pode-se escolher um objeto novo todos os dias ou servir-se de mesmo por vários dias. Até mesmo o próprio homem que se considere como um verdadeiro pensador, não poderá corar em adquirir por essa forma a maturidade necessária para o ocultismo. Aplicar o pensamento durante certo tempo sobre um objeto perfeitamente familiar é adquirir a certeza de que se pensa objetivamente.

É muito mais útil e proveitoso meditar sobre aquilo de que é constituído um lápis, quais os materiais nele empregados, e quando foram os lápis inventados, do que sobre a descendência do homem ou a essência da vida.

Aprende-se melhor a se reconhecer nas evoluções saturninas, solar ou lunar, por exercícios de pensamentos ou meditações elementares, do que por idéias sábias e complicadas; isso porque, a primeira coisa que é necessária aprender, não é a refletir sobre este ou aquele assunto, mas sim de

saber acomodar seu pensamento a realidade, por uma virtude íntima. Assimilando a objetividade pelo estudo de um fenômeno físico, fácil de compreender, habituar-se o estudante, a conservar essa objetividade, quando não seja ela mais regida pelo mundo físico e sujeita as leis, adquirindo o hábito de não deixar o seu pensamento errar sob a ação de uma fantasia subjetiva.

Mas a alma deve tornar-se soberana, não apenas no domínio do pensamento, mas também no da vontade. A vida cria no homem diferentes necessidades no mundo físico e a vontade sente-se solicitada para satisfazê-las. Pela disciplina oculta, o homem deve habituar-se a obedecer estritamente as suas próprias ordens; assim agindo achará ele cada vez menos prazer pelas coisas efêmeras, pois o que há de instável e de insaciável em nossas veleidades provém do desejo que nos impele para os objetos, cuja posse não é capaz de despertar em nós qualquer conceito definido.

Tal estado Poe em desordem os nossos sentimentos, quando o EU superior nasce na alma. Um bom exercício para tal corrigir é, durante vários meses, darem a si mesmo uma ordem a ser executada precisamente em certo momento do dia. Assim afastar-se o nefasto hábito de dizer sempre; eu desejaria fazer isso ou aquilo, sem, contudo, cuidar da realização possível de tal anseio. Um grande homem colocou na boca de sua profetisa: "Eu amo a todo aquele que quer alcançar o impossível". E disse ainda algures: "Viver no ideal, é encarar o impossível, como se fosse possível", o que equivale a afirmar que, que todo aquele que sabe desejar o possível, desenvolve-se a tal ponto de poder, por sua vontade forte, transformar o impossível em possível.

No que diz respeito aos sentimentos, é necessário que a alma do estudante conquiste certa calma. Ela deve dominar a manifestação do prazer e do sofrimento, da alegria e da dor. Contra esse esforço é justamente que se levantam fortes objeções. Teme-se

que se torne surdo e insensível ao mundo exterior, e se foge de gozar da felicidade e de se afligir pela dor. Ora, não se trata absolutamente disso. É necessário que a alma goze com as coisas felizes e que sinta com as tristes. Mas é preciso também que ela aprenda a dominar toda a manifestação de seus sentimentos. Se se prossegue nesse domínio, perceber-se-á, ao contrário, ainda mais profundamente com os sofrimentos ou com os prazeres que nos cercam.

Deve-se chegar a simpatizar francamente com alegria e com dor, mas sem esquecer a si mesmo a ponto de manifestá-las involuntariamente. Não é a dor legítima que se deve dominar, mas sim as lágrimas irreprimíveis, não é o horror de uma ação má, mas o surto cego da cólera, não é a precaução do perigo que se deve extirpar, mas o terror estéril. É por esse exercício que o estudante consegue adquirir a calma dos sentimentos que é indispensável, a fim de evita que após o nascimento do EU superior, a alma, que se tornou uma espécie de duplo desse EU, não leve daí por diante uma existência desregrada. É indispensável evitar as ilusões pessoais. Alguns poderão creditar já possuírem na vida, uma dose de equilíbrio que o torne supérfluos esses exercícios.

São essas pessoas, justamente que mais deles tem necessidade. Elas podem permanecer calmas em face das coisas da vida ordinária, mas em presença do mundo superior sua agitação, que apenas se achava recalcada, surgirá lépida.

É preciso ter sempre presente que, em ocultismo, o essencial não é o que se acredita já possuir, mas sim o que se adquiriu por um exercício metódico. Tão contraditório quanto possa parecer, há um princípio que é exato; quaisquer que sejam as qualidades que a vida nos faça adquirir, as únicas que servem no ocultismo são as que por nós mesmos são assimiladas. Se a vida nos tornou irritáveis é necessário que a disciplina destrua esse mau humor; se ela nos proporcionou um caráter equânime, a disciplina

deverá nos ensinar a responder de uma maneira equilibrada as excitações exteriores. Aquele que não pode rir de nada não é mais senhor do seu riso, do que aquele outro que de tudo ri, sem peso nem medida.

Para educar o pensamento e a sensibilidade há ainda em outro meio, que vem a ser a conquista da qualidade que se pode chamar positividade.

Há uma bela legenda que nos conta que Jesus Cristo passava um dia com seus discípulos perto do cadáver de um cão. Ao passo que os outros desviavam seu olhar do hediondo espetáculo. Jesus fala com admiração dos belos dentes do animal. Deve cada um desenvolver em si próprio, em relação com o mundo exterior, um estado de alma de que nos fala a legenda, isto é, que as coisas erradas, feias ou más não deverão jamais impedir de se apreciar o verdadeiro, o belo e o bem em qualquer lugar que se encontre. Não se deve, porém, confundir esse ânimo positivo com a ausência de crítica, com a vontade de fechar os olhos a tudo que nos pareça falso, mau ou medíocre. Admirando os belos dentes do animal em decomposição, não se deixa de ver o cadáver horripilante e nem a contemplação do cadáver impede de ver os belos dentes. Se não é possível fazer com que o mal pareça bem ou o erro verdade, pode-se, no entanto, conseguir que o mal não impeça de ver o bem e o erro a verdade.

O pensamento unido a vontade, amadurece de um modo singular quando não permite que as novas percepções se deixem influenciar pelas experiências passadas. O estudante não deverá nunca ater-se a fórmula.

“Eu nunca vi isto, nem ouvi falar daquilo”. Mas ao contrário, aplicar-se-á, durante certo tempo, a aprender o que possa existir de novo em cada coisa e em cada ser. Há sempre em cada sopro de ar, em cada folha, em cada balbuciar de criança, elementos que justificam novas impressões, se assim se desejar. Certamente que não será difícil passar da conta. Não se trata, está claro, de

esquecer em certa idade as experiências já feitas, mas sim nos servirmos das passadas para melhor julgar as que se nos apresentam. Nunca devemos esquecer, porém, de contrabalançar tais conhecimentos e a tendência para aprender o que exista de novo e ter presente acima de tudo, que as experiências novas possam contradizer as antigas. Eis que cinco qualidades da alma que uma disciplina regular deve desenvolver no estudante de ocultismo: o domínio do pensamento; o poder sobre os desejos; igualdade ante o prazer e a dor; a positividade nos julgamentos; a ausência de prevenção na concepção da existência. Depois de haver consagrado certos períodos consecutivos para a aquisição dessas qualidades é necessário conjugá-las harmoniosamente. Para isso é indispensável praticá-las simultaneamente, seja agrupada duas a duas, seja de qualquer outra maneira. Os exercícios que vos acabamos de deferir, são ensinados pelo ocultismo porque, executando-os conscienciosamente, não só obtêm um resultado imediato, mas ainda criam-se forças úteis que nos acompanham na senda do conhecimento superior. O estudante que se dedique com perseverança. Depará muitas vezes com defeitos de loucuras em sua vida interior, mas achará também e por si próprio, os meios mais apropriados para praticar e consolidar sua inteligência, seus sentimentos e seu caráter.

Serão necessários, ainda, muitos outros exercícios adaptados a cada temperamento pessoal; eles surgirão espontaneamente se os outros forem praticados criteriosamente. Chegar-se-á a conclusão que esses exercícios produzem imediatos resultados que a princípio nem se havia previsto. Todo aquele a quem, por exemplo, falte confiança em si próprio, verá no fim de algum tempo essa qualidade aumentar. E o mesmo sucederá em relação às outras virtudes. Importa muito que tais qualidades uma vez adquiridas, sejam sem cessar melhoradas e praticadas.

O domínio dos pensamentos e dos senti-

mentos deverá ir bem longe, para que a alma tenha o poder de criar momentos de repouso interior absoluto, durante os quais o homem afasta de seu coração e de seu espírito tudo o que a vida quotidiana lhe proporcione de felicidade e de pesar, de satisfação e de cuidados, até mesmo de deveres e de necessidades. Durante esses momentos, a alma não deve tolerar qualquer influência sobre si que não tenha sido por ela mesma consentida. Deve-se aqui fazer justiça a um prejuízo fácil de responder; para se pretender que esse método torne o homem estranho aos deveres de sua existência. Tal, porém, não acontece.

Nesses momentos de silêncio e de paz interior jorram forças tão vivificantes que o estudante empregando-as em sua vida cumpre com os deveres melhor do que antes fazia, ao invés de deles descurar. É preciso para o homem nesses instantes esquecer tudo aquilo que lhe diz respeito, para não cuidar senão das questões que interessam ao homem em geral. Consegue-se saturar sua alma de ensinamentos relativos aos mundos superiores e se esses sentimentos a cativam da mesma forma que um anseio a um negócio pessoal, sua alma colherá frutos particularmente aproveitáveis.

Todo aquele que assim ordene sua vida interior elevar-se-á a tal nível, que considerará seus próprios interesses com a mesma calma como se fossem de outrem. Encarar com o mesmo olhar as suas alegrias e os seus desgostos como os dos outros é uma excelente preparação para o desenvolvimento espiritual. É conveniente para atingir tal grau, fazer desfilar diante de seu espírito ao fim de cada dia, todas as experiências da vida quotidiana; de se contemplar a si próprio em relação aos seus deveres diários. Como se fosse a mero espectador; para conseguir-se praticar com facilidade este exercício, deve-se iniciá-lo por frações mínimas. Pouco a pouco se adquirirá a habilidade suficiente para poder executar em pouco tempo esse trabalho de retrospectão em toda a sua inte-

gridade. O ideal para o estudante é o de manter uma segurança e uma calma perfeitas, á medida que os fatos se vão apresentando e de apreciá-los, não sofrendo suas próprias disposições, mas seguindo a importância real e o valor objetivo dos próprios fatos.

É encarando este ideal que o discípulo lançará em sua alma um sólido alicerce e poderá, então, empenhar-se nas concentrações e nas meditações de que nós acabamos de falar. Essas condições são indispensáveis, porque as experiências supra-sensíveis se edificam no mesmo terreno que a vida psíquica normal anterior a entrada nos mundos superiores. A vida supra-sensível depende, sob dois pontos de vista, das qualidades desenvolvidas na vida normal. Se não se tem o cuidado de antecipadamente basear toda a disciplina espiritual em um juízo são e sólido, as percepções superiores serão falsas e imprecisas. Os órgãos espirituais se desenvolverão, por assim dizer, de revés. E da mesma forma que um olho doente e defeituoso não poderia ver de um modo correto e perfeito o mundo físico, assim não se deverão esperar percepções justas e precisas de órgãos desenvolvidas sobre a base de um falso julgamento.

De outra parte, se está em jogo uma moralidade duvidosa, a vida espiritual por ocasião da entrada nos mundos superiores se apresentará como que invocada. É como se observasse o mundo sensível em um estado de torpor. No mundo físico não se chegaria a nenhum resultado, ao passo que o observador espiritual, mesmo em estado de estupor, está sempre muito mais desperto do que o homem normal.

Por isso chegaria a resultados positivos, que seriam verdadeiros emaranhados de erros.

Assim se manifesta um grande mestre de ocultismo, sobre tão almejado, quão árduo caminho.

Martius Lucius – gnose fevereiro 1939